

GRAMÁTICA E QUESTÕES DE ENSINO-APRENDIZAGEM NO LIVRO BASE.

Maria Fabiola Vasconcelos Lopes¹ (UFC).

fabiolalopes@ufc.br

O presente trabalho busca investigar a relação entre as atividades do livro base e as teorias que as orientam. Nesse sentido, nossa pesquisa foi desenvolvida sob a ótica do estruturalismo e da abordagem funcionalista. No intuito de analisar a tipologia por trás das atividades, fez-se necessário considerar atividades que prestigiam a forma e atividades que prestigiam o uso. Mas, para efeitos desse estudo nos concentramos naquelas da forma. Como resultado, analisamos exercícios de associar colunas, desembaralhamento de frases, compreensão literal e de preenchimento de lacunas. A análise revelou a presença do estruturalismo em três livros usados no ensino médio. O estudo irá auxiliar professores da língua inglesa a identificar tais atividades fazendo-os melhorar no desenvolvimento de atividades complementares ou exercícios de revisão e na seleção de material de sala de aula.

Forma; função; atividades.

This paper aims at investigating the relationship between activities of the standard book and the theories that guide them. In this concern our study was developed under the structuralism and functional approach. In order to analyze the typology behind the activities it was necessary to consider both activities that focus on the form and activities that focus on use. But for the purpose of this specific paper we concentrate on those on the form. As a result, we have analyzed matching, scrambled sentences, literal comprehension and fill- in-the-blank exercises. The analysis revealed the presence of structuralism in three books used in high school. The study will help teachers of the English language identify such activities making them improve on the development of complementary activities or review exercises and on the selection of the class material.

Form; function; activities.

Introdução

É sabido que há grandes problemas no ensino de gramática nas aulas de português nos ensinos fundamental e médio. Muitos desses problemas têm sua origem no foco dado à gramática prescritiva por parte de inúmeros professores. As atividades aplicadas aos alunos também seguem essa linha quando por exemplo, da fixação de conteúdos. Tal situação não se restringe apenas às aulas de português sendo o problema

¹ Professora Dra. do Departamento de Letras Estrangeiras - UFC e do Programa de Pós-Graduação em Linguística - UFC.

comumente encontrado no ensino de gramática de inglês como língua estrangeira. Em particular, nesse contexto de ensino de língua estrangeira, para o qual nos voltamos em nossa discussão, inúmeros professores se guiam totalmente por um livro base ou também conhecido por livro didático. Portanto, torna-se relevante saber como são as atividades encontradas em tais livros e com as quais os professores estão se deparando no ensino dessa língua estrangeira.

Entender as dificuldades que permeiam as atividades nos livros, em que grau estas auxiliam alunos e professores na compreensão da gramática, é o nosso interesse. Do mesmo modo, é igualmente importante verificar a partir da análise das atividades, que tipo de perspectiva está presente nesses materiais. Assim, tencionamos saber se o uso mais tradicional, prescritivo é realmente o mais empregado, ou se as atividades revelam um direcionamento para a perspectiva funcional. Diante de tais preocupações, a discussão aqui arrolada objetiva tecer comentários sobre uma investigação nos livros base no que diz respeito ao seguinte ponto: se a função que a forma linguística desempenha é trabalhada no livro base e/ou didático, com foco nas atividades em contexto de ensino médio de língua inglesa.

Cabe destacar que a gramática imposta pelas gramáticas normativa e prescritiva tendem a ser condenadas. Segundo Travaglia (2002), faz-se necessário considerarmos a contextualização dos aspectos gramaticais no texto já que a língua funciona em textos e não em palavras nem tampouco em frases isoladas. Assim, por ser um contexto legítimo e ao alcance dos professores, saber sobre as atividades, sua tipologia em tais livros nos guiará na categorização das atividades calcadas na forma ou orientadas pela função.

Em face aos diferentes tipos encontrados e propósitos podemos nos beneficiar de meios que auxiliem na compreensão da gramática bem como no desenvolvimento de atividades para esse fim uma vez que são muitos os professores que esboçam preocupação principalmente, com o ensino da gramática no que diz respeito à como ensiná-la de forma eficaz.. Ao nosso ver, as atividades, constituem uma dessas formas.

Outro fator que reforça nossa investigação na questão da compreensão dos tipos de atividades colocados ao alcance do professor, servirá ainda para que este, melhor oriente seus alunos na resolução de atividades e a fim de que tenha mais segurança na escolha de atividades a serem desenvolvidas em sala como atividades complementares, de fixação ou reforço e de revisão. Portanto, as questões observadas nos livros como por exemplo, do tipo compreensão literal do texto, preenchimento de lacunas, numeração de colunas, desembaralhamento de frases, ou de contextualização de aspectos gramaticais no texto, dentre outras, também contribuem para o retrato do contexto de ensino no que diz respeito à gramática. Desta forma, a partir de leituras acerca da teoria estruturalista da língua e da teoria de base funcionalista esperamos traçar esse caminho percorrido no ensino da gramática em língua estrangeira em livros didáticos pelo viés das atividades ali contidas.

A investigação se dá inicialmente, por meio de leituras seguidas do levantamento, classificação e análise das atividades de cada uma das unidades em três livros adotados na escola pública de Fortaleza restringindo nosso estudo às atividades do livro destinadas aos alunos do ensino médio. O *corpus* será então constituído pelos exercícios dos livros didáticos selecionados.

A discussão que desenvolvemos integra uma pesquisa de descrição linguística, e busca por meio da análise do *corpus* a refutação ou constatação da hipótese de que as atividades dos livros didáticos utilizados são, em sua maioria, de natureza estruturalista

haja vista que muitos professores aparentemente estão enraizados nas práticas tradicionais, e uma vez que os autores do livro base são também professores, com herança também tradicional. Portanto, inseridos nessa prática.

Defendemos que “o contexto de uso motiva as diferentes construções sintáticas” (Cunha & Souza, 2011). Dessa forma, é preciso repensarmos a criação de atividades com foco puramente estrutural. Acreditamos que um dos meios para correção de tal prática possa ser pelo viés do funcionalismo. Assim, a fim de procedermos tal reflexão, a base teórica da pesquisa se apoiará nos trabalhos de autores que permeiam o estruturalismo e funcionalismo linguístico, dentre os quais destacamos Lopes (2008), Neves (1994), Conejo (2009), Cunha & Tavares (2007) e Mussalim & Bentes (2009).

Tentaremos inicialmente compreender o que está por trás dessa teoria linguística, o estruturalismo. Para tal fim, visitaremos Saussure. E, mais tarde adentraremos a vertente funcionalista buscando apoio na referida vertente que cause melhorias no desenvolvimento de atividades com foco em gramática. Passemos, então aos pressupostos de Saussure.

Ferdinand de Saussure em seu livro *Curso de linguística geral*, que na realidade é um compêndio de suas aulas organizado e publicado por seus alunos, apresenta a língua como um sistema universal, comum a todos os seus falantes e que independe de fatores externos. Tal entendimento leva à teoria estruturalista. Nesse âmbito da questão, o estruturalismo entende a língua como forma, superfície, sem considerar fatores como contexto de produção, manifestações individuais e concretas dos falantes ou variação linguística. E embora Saussure reconheça a existência da fala individual (a que chama de *parole*), não a considera relevante para os estudos científicos da linguagem.

Tentando estabelecer relação entre as teorias linguísticas, em particular o estruturalismo, teoria linguística exposta por Saussure e, o campo do ensino, podemos destacar o ensino tradicional, com o aporte da gramática normativa ou estrutural. Tal associação é pertinente uma vez que um professor de língua estrangeira é antes de tudo um estudioso e enquanto tal, precisa de dois elementos imprescindíveis: um, que envolve entender o funcionamento da língua, e um outro, que é ter uma base teórica para sua prática de ensino

Retomando o ensino tradicional, nos deparamos com uma preocupação em prescrever regras de uso da língua tida como “correta”, ou norma culta. Tal visão é contrária à ciência, pois, como esclarece Lyons (1987), a ciência se preocupa em descrever a língua, e não em prescrever uma variante em detrimento das outras.

O estruturalismo de Saussure é mencionado por diversos estudiosos como Lopes (2008), Neves (1994), Mussalim e Bentes (2009), etc. Ao tratar do estruturalismo os autores visitam o entendimento de Saussure sobre a língua. E, segundo este, a língua é um sistema autônomo e autossuficiente. Portanto, a língua não está condicionada a outros saberes, devendo ser compreendida e/ou estudada de forma isolada. A fim de entendermos esse ponto de vista sobre a língua, Saussure elaborou a dicotomia entre *langue* e *parole*. A *langue* diz respeito ao próprio sistema da língua; ou seja, ao conjunto de regras que regem seu funcionamento. Tais regras são coletivas, supra individuais, quer dizer, estão em um patamar acima do falante e independente dele. Já a *parole* diz respeito à fala, seria a manifestação concreta e individual da língua, o uso efetivo que cada falante faz desse sistema que está disponível para ele.

Atrelados à esse pensamento saussuriano, para a linguística o que interessa para ser estudado é o sistema, e não a fala. Esta seria variável e assistemática. Como consequência, não caberia à ciência se ocupar dela. Já o sistema, seria algo imutável e comum a todos os falantes. A partir de Ilary (2009 *apud* MUSSALIM E BENTES, 2009)

Devido a seus pressupostos teóricos, o estruturalismo tem sido alvo de muitas críticas. Destacamos por ora uma delas, a que diz respeito à dicotomia língua/fala. Podemos dizer que encontramos nessa dicotomia um conceito intermediário, formulado por Coseriu e mencionado por Lopes (2008). E aqui queremos nos referir ao conceito de norma. Enquanto a fala é individual e a língua é coletiva; ou seja, um sistema comum a todos os falantes, a norma se situaria no meio, sendo uma maneira de utilizar a língua própria de determinado grupo. Nesse sentido, a norma não é comum a toda a comunidade linguística, mas também não é individual. Assim, como explicaríamos o linguajar técnico de determinadas profissões que é dominado exclusivamente por aqueles que a exercem, ou ainda como explicar o português falado em uma determinada cidade como Fortaleza, que difere do falado em São Paulo, ou ainda o linguajar dos jovens que não falam da mesma maneira que os idosos, etc.? Nesse pensamento, vamos encontrar diversas normas dentro da língua.

Um outro ponto a ser ressaltado no tocante à centralização na forma se encontra em Bagno (2010). A questão agora se atrela à gramática escolar, conhecida como normativa. Para o autor, a escola por intermédio da gramática normativa acaba transmitindo aos alunos várias concepções errôneas a respeito da língua. A ideia de que somente o que está na gramática escolar (normativa) é o que é correto, e que muitas pessoas “não sabem” falar o português porque cometem muitos “erros de gramática” é inserido nas mentes dos alunos. Bagno esclarece ainda que, em todas as sociedades, há sempre um grupo que julga o seu modo de falar como o mais adequado, e que tenta moldar toda a comunidade linguística a este modo. Geralmente, isso ocorre com o grupo com poder econômico elevado e maior escolarização.

Assim há diversas críticas à visão estruturalista que permeiam a gramática escolar, que é normativa, e que prescreve e impõe uma norma que deve ser utilizada. E, por não incluir toda a realidade linguística da sociedade, fazendo apenas um recorte dela, foge ao objetivo da linguística, que é descrever a língua, e não prescrever uma variante em detrimento das outras.

Como mencionado anteriormente, visitaríamos Saussure como também buscaríamos entender os pressupostos funcionalistas para posterior contraposição. Dessa maneira, deixemos as discussões sobre o estruturalismo em reserva e procederemos algumas considerações sobre o funcionalismo.

No intuito de contemplarmos algumas noções sobre o funcionalismo faz-se necessário termos em mente a perspectiva de Halliday (2004), esta, nos permitirá compreender a visão funcional de língua. Na perspectiva Hallidayana a preocupação é com a língua em seu todo, sendo tudo analisado e entendido com referência ao *total picture*, (contexto geral), uma vez que os elementos da língua, como fonemas e morfemas, não devem ser tratados de forma isolada ou descontextualizada. Nesse prisma, a língua é vista como indissociável do contexto.

No que concerne ao tratamento dado à estrutura, o autor destaca que cada unidade tem uma função distintiva com relação ao todo mas algumas, podem se agrupar

e funcionar como uma só unidade. Assim, Halliday define estrutura como a organização do eixo sintagmático da língua, com seus padrões ou regularidades. O sistema, seria encaixado no eixo não linear ou paradigmático, tratando dos padrões que poderiam ocupar determinada posição.

Alguns autores como Neves (1994) e Pezatti (2009), ressaltam a importância de se considerar a língua em contexto. Nesse sentido, e para o funcionalismo a língua não pode ser vista como algo universal, absoluto e imutável uma vez que a língua é concreta, mutável, passível de variações, influenciável pelo contexto de produção. Dessa forma, ela é criada pelo contexto. Assim sendo, para o funcionalismo, não se pode conceber língua sem contexto.

De acordo com a Gramática Funcional (GF), Hegenveld (1989), Dik (1997), Pezatti (2009), enxergam a língua como um instrumento de interação social, devendo ser estudada com base no seu uso real. Segundo essa concepção, o funcionalismo não admite separação entre sistema e uso. O uso está previsto no sistema; a fala está prevista na língua e não pode ser dissociada dela.

Ainda com base na GF, a principal função de uma língua natural é estabelecer relações comunicativas entre os usuários. E, em se tratando de uso da língua Dik (1989, 1997) aponta um modelo de interação verbal em que falante e ouvinte possuem certa informação pragmática.

No modelo proposto por Dik, a expressão linguística se faz em função da intenção do falante, de sua informação pragmática (conhecimentos, crenças, opiniões) e da antecipação da interpretação do ouvinte sendo a interpretação do ouvinte aquela que se dá em função da expressão linguística, da informação pragmática e da reconstrução da intenção que o falante possui. O processo se daria da seguinte forma: o falante teria a intenção de provocar algo na informação pragmática de alguém por meio de um plano mental. Tal plano seria criado no momento da interação verbal. E, uma vez que os participantes envolvidos criam uma ideia da informação pragmática um do outro, eles podem fazer suposições acerca do que é compartilhado ou não entre a informação de um e de outro. Contudo, nem sempre a intenção do falante e o que o falante codifica pode ser uma completa verbalização de sua intenção, ou seja; o ouvinte pode não corresponder à intenção do falante.

Uma vez que a língua natural tem como função as relações comunicativas, e entendendo que o estruturalismo enxerga a língua de maneira isolada e autônoma enquanto o funcionalismo prega a relação intrínseca e indissociável entre língua e contexto, traremos agora essa reflexão para o ensino de língua. De um lado, encontramos um ensino estruturalista que se respalda pelo ensino da língua de forma isolada, descontextualizada, por meio da memorização de regras, como é visto em muitas escolas. E do outro, um ensino mais pautado por princípios funcionalistas e portanto, contextualizado e reflexivo. A norma culta, por sua vez, é ensinada aos alunos como uma variante adequada a determinados contextos, não como a única opção correta para o uso da língua.

Com base no exposto julgamos ser importante um estudo que se ocupe em saber se a perspectiva mais tradicional a partir do livro base/didático e em particular, por meio das atividades, seria a base histórica do ensino em contexto de língua inglesa como língua estrangeira Ou se seria a funcional. Tendo em vista esse pensamento, a pesquisa se debruça agora sobre o livro didático de inglês para ensino médio de escolas públicas

de Fortaleza. Indagamos por ora se os livros são compostos por atividades meramente estruturais, se estes se limitam à forma ou são mesclados com atividades que prestigiam o uso efetivo da língua; ou seja já se apresentam voltadas para a função e o contexto?

1. Metodologia

A constituição do *corpus* se dá por meio das atividades contidas no livro didático que contemplem a forma ou o uso ou que trabalhem com contextualização de aspectos gramaticais no texto. Assim, a busca é por atividades de cunho estruturalista e sinais de atividades voltadas para uma abordagem diferente desta.

O estudo faz reflexões sobre as atividades de gramática no livro base/didático a partir dos tipos de atividades encontradas e do reconhecimento da teoria pela qual se orientam as atividades.

Dos procedimentos metodológicos, três livros utilizados no ensino médio da rede pública *Doorway*, *Log in* e *English for all* foram selecionados. A investigação se dá mediante a análise minuciosa de cada questão de cada uma das quatorze unidades do livro *Doorway*, das dezesseis unidades do *Log in* e dez unidades do *English for all*. Cabe destacar que as unidades possuem entre vinte e sete e trinta e sete questões em cada unidade no *doorway* e *Log in*. E entre quarenta e vinte e oito no *English for all*. Por nosso estudo se encontrar em desenvolvimento concentramos por ora, nas questões cujo aporte seja o estruturalista.

Na sequência, extraímos o percentual de questões desses tipos em relação ao total de questões de cada unidade dos livros analisados.

2. Discussão

Até o momento, tentando constatar se a corrente tradicional (estruturalista) está presente nos livros *Log in*, *Doorway* e *English for all*, discutiremos se já há sinal de uma abordagem estruturalista ou se há outra diferente. Assim, analisamos as questões com o objetivo de saber em que proporção as atividades estruturalistas se apresentam. Tal proporção se encontra distribuída na tabela a seguir:

Tabela 1 – ocorrências de atividades estruturalistas

Tipos	Inglês Doorway	Log in	English for all	Total
Atividades de cunho estruturalista	36,5%	37,5%	26%	100%

Porcentagem

Fonte: Elaborada pela autora

As observações decorrentes da análise acerca da tipologia das atividades permitiu conhecer os diversos recursos empregados em ambos os livros, conhecimento esse, que servirá de auxílio na formação de futuros docentes quando da elaboração de materiais.

Dentre os tipos encontrados de caráter estruturalista nos deparamos com:

- Compreensão literal de texto;
- Preenchimento de lacunas;
- Numeração de colunas;
- Desembaralhamento de frases.

A tipologia com a qual nos deparamos, se encontra distribuída na tabela 2 a seguir.

Observamos que atividades de compreensão literal são as mais utilizadas no Inglês *doorway*, sendo o tipo desembaralhamento de frases não empregado no livro. Já no *Log in*, o mais utilizado é o preenchimento de lacunas com 28,5% sendo o tipo desembaralhamento de frases o menos recorrente com 1,2%. No *English for all* a compreensão literal aparece com 43,6% enquanto que o tipo numerar colunas se apresenta em apenas 6% das atividades. Estas, e os demais tipos da tabela 2 refletem atividades de cunho meramente estruturalistas, que permitem ao aluno respostas mecanicistas e sem contextualização.

Tabela 2– Distribuição das ocorrências dos tipos de atividades

Tipos	Inglês doorway	Lo gin	English for All	Total
Desembaralhamento de frases	0%	2,4%	1,2%	1,2%
Preenchimento lacunas	12,3%	28,5%	14,7%	19%
Compreensão literal	35%	8%	43,6%	27%
Numeração de colunas	0,9%	6,8%	6%	4,5%

Fonte: Elaborada pela autora

Na sequência, apresentamos o total geral dentre os tipos anteriormente destacados encontrado nos três livros. Consideramos sob o rótulo de "outros" atividades do tipo comunicativas encontradas somente no *English for all*, mas por limitação do tempo e por não termos fechado a análise nessa categoria ainda, não serão o foco aqui. Por esse motivo, não se encontram contemplados nas tabelas 2 e 3.

3. Resultados

Vendo os livros analisados percebemos que o ensino de inglês como língua estrangeira ainda está galgado na teoria estruturalista mesmo diante de muitas opções de abordagem que se voltem para o contexto como a abordagem funcionalista.

A análise nos revela que a tradição de levar o aluno a aprender nomenclaturas sendo a norma culta colocada como a única ou a principal forma de se escrever e falar, é ainda muito presente nos livros didáticos. É preciso refletirmos um pouco sobre o ensino e tentarmos empregar atividades que favoreçam a reflexão sobre o uso da gramática ali empregada, pois bem sabemos que a língua não é imutável, estanque, nem possui apenas uma norma correta. Como diz Bagno (2010), a língua, sendo uma instituição social, é completamente dependente de seu contexto sociocultural e histórico, de modo que as variações são inevitáveis. Cabe à escola, também por meio da escolha de seus livros base, mostrar que a norma culta é importante e proporcionar seu aprendizado pelos alunos. Contudo, sem desconsiderar a enorme complexidade da língua. Como explica Lopes (2008), a norma é uma esfera maior que a fala (individual), porém menor que a língua (coletiva e comum a todos os falantes). Portanto, a norma culta faz parte da língua, mas não a constitui como um todo. Assim, é importante que os alunos sejam expostos a um ensino contextualizado, para que não tenham uma visão limitada sobre a língua e possam refletir sobre o que leem, evitando que se tornem sujeitos meramente passivos no processo de aprendizagem.

Tabela 3 – Total geral dos tipos de atividades

Tipos	Inglês doorway	Lo gin	English for All	Total
Desembaralhamento de frases				1,2%
Preenchimento de lacunas				19%
Compreensão literal				27%
Numeração de colunas				4,5%

Fonte: Elaborada pela autora

Por fim, o estudo não se esgota aqui. Discorreremos sobre os resultados obtidos até o fechamento desse artigo. E cabe salientar que a pesquisa conta com o apoio da

bolsa de fomento FUNCAP, a qual agradecemos pela contribuição que possibilita sua realização.

5. Referências

AUN, Eliana, PRETES, Maria Clara de & SANSAOVICZ, Neuza Bilia. *English For all*. Volume 1. Saraiva S.A. – Livreiros Editores, São Paulo, 2010.

BAGNO, Marcos. *Não é errado falar assim!* Em defesa do português brasileiro. 2ª ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

DIK, S. *The theory of functional Grammar*. Part I: The structure of the clause. Berlin: Mouton de Gruyter, 1997.

CONEJO, Cássia Rita. O estruturalismo e o ensino de línguas. In: CELLI – COLÓQUIO DE ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS. 3, 2007, Maringá. *Anais*. Maringá, 2009, p. 1233-1244.

CUNHA, Maria Angélica Furtado & SOUZA, Maria Medianeira de. *Transitividade e seus contextos de uso*. São Paulo: Cortez, 2011.

HALLIDAY, M.A.K. *An Introduction to Functional Grammar*. 3rd ed. London: Hodder Education, 2004.

HEGENVEL, K. Layers and operators in functional grammar. *J. Linguistics*, 1989.

ILARY, Rodolfo. O Estruturalismo Linguístico: alguns caminhos. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (orgs.). *Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos*. Vol 3. 4ª ed - São Paulo: Cortez, 2009.

LIBERATO, Wilson. *Inglês Doorway* - volume único. Editora FTD S.A., Coleção Delta, São Paulo, 2004.

LOPES, Edward. *Fundamentos da Linguística Contemporânea*. 20th ed - São Paulo: Cultrix, 2008.

LYONS, John. *Linguagem e linguística: uma introdução*. Rio de Janeiro: Cambridge University Press, 1987.

NEVES, Maria Helena de Moura. *Uma visão geral da gramática funcional*. São Paulo: Alfa, 1994.

PEZATTI, Erotilde Goreti. O funcionalismo em linguística. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (orgs.). *Introdução à Linguística: fundamentos epistemológicos* Vol 3. 4ª ed - São Paulo: Cortez, 2009.

RICHMOND PUBLISHING. *Log in to English 1*. Editora Moderna, São Paulo, 2009.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º. e 2º. graus*. 8ª. Ed., SP : Editora Cortez, 2002.

